

Debate As escolas e o vestibular da Ufes

Todo ano, neste período de seleção na Universidade Federal do Espírito Santo, há reclamações de que as provas aplicadas não levam em conta as sugestões dos colégios. A Ufes é acessível à comunidade para discutir o vestibular?

Sim

SANDRA DUARTE FERREIRA
Presidente da Comissão Coordenadora do Vestibular da Ufes

Não

LÚCIO MANGA
Professor e idealizador do projeto Educação Comunitária

Aperfeiçoamento permanente

O vestibular da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) é idealizado pela Comissão Permanente para Elaboração de Normas de Acesso ao Ensino Superior. À Comissão Coordenadora do Vestibular (CCV) cabe executá-lo. Ao construir o processo seletivo, a comissão permanente abre diversos canais à participação da comunidade interessada, seja para opinar, criticar e apresentar proposições acerca de cronogramas, programas, formatos de questões, peso das provas, etc. Vinculada ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Ufes, a comissão pode ser procurada em qualquer época, seja por professores, diretores ou donos de escolas.

Nenhuma sugestão é ignorada, pois o vestibular da Ufes está em permanente processo de aperfeiçoamento. Porém uma questão é a crítica consistente e a contribuição despojada e construtiva. Outra é a pressão que determinados setores do mercado, altamente competitivos entre eles, querem impor de forma a modular o vestibular aos seus interesses econômicos.

O processo seletivo da Ufes é preparado com satisfatória antecedência. O programa de literatura, por exemplo, é divulgado três anos antes das provas. As normas e programas, um ano antes. Ou seja, a universidade oferece as ferramentas adequadas para que as escolas e os candidatos se preparem para o vestibular. O seu formato é público e amplamente noticiado pela mídia local e nacional.

A Ufes entende que o vestibular deve contemplar o programa do ensino médio em toda a sua extensão, de maneira que os alunos demonstrem domínio generalista das questões. Ao dar um formato interdisciplinar às questões objetivas, ao mudar o modelo das redações e ao estabelecer peso maior às provas discursivas, a universidade qualificou sobremaneira o seu processo seletivo, garantindo mais oportunidades para aqueles alunos que tiveram uma formação mais consistente. Afinal, o conteúdo de nossos alunos começa a ser medido no processo seletivo. Não por acaso, em todas as avaliações nacionais a Ufes se situa entre as melhores universidades federais do país.

A esfinge educacional

Começa hoje a segunda etapa do vestibular da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). É nessa fase que os candidatos enfrentam a prova de redação e as discursivas específicas por área. Uma batalha não só contra a concorrência em cada curso, mas também contra o descaso.

É lamentável, mas a verdade é que a Ufes não está acessível para uma discussão sobre o vestibular que propõe à comunidade. Isso porque, a cada ano, a história se repete: os candidatos são obrigados a devorar uma lista absurda de conteúdos, e a cobrança, na prova, se limita a detalhes irrelevantes.

Realmente, esse quadro determina a necessidade de uma emergencial mudança no gerenciamento do vestibular. É preciso ficar claro que a Ufes presta um serviço à sociedade. Aliás, se formos à UFMG teremos contato com a banca elaboradora da prova desta faculdade, orientando os professores de Minas Gerais sobre o estilo das questões propostas no processo seletivo. Se formos à Unicamp, poderemos aprender os critérios de correção das questões discursivas. Ora, a tragédia maior, nesta lógica comparativa, é o fato de a Ufes ser a única universidade federal do país que não apresenta à comunidade os tipos de texto que serão cobrados na prova de redação.

É fato que o vestibular não testa de maneira eficiente o potencial dos alunos. O pior, então, é ter que conviver com um processo avaliatório que ignora a formação dos candidatos. É uma fogueira das vaidades de doutores cobrando questões relativas às teses que defendem e esquecendo a realidade do candidato. Esse é o erro grave.

Em resumo, os professores do curso de Pedagogia da Ufes não participam da elaboração da prova do vestibular? Se não, para que toda a discussão sobre aprendizagem? E, se sim, as teorias pedagógicas são uma farsa? Enfim, o vestibular da Ufes é uma esfinge que começa, hoje, a devorar os candidatos que não decifram o enigma.